

A língua inglesa e eu: quando desejar é aprender

Vilson J. Leffa

Onde estaria o segredo? Que lição ficaria de minha experiência de aprendizagem do inglês? Mais e mais, acredito que é a lição do desejo: eu tinha um desejo imenso de aprender línguas e comecei pelo inglês. (LEFFA, V. nesta obra)

Introdução

O que segue não é um texto acadêmico sobre o ensino de línguas, apoiado em teorias e autores. É uma reflexão pessoal sobre a aprendizagem da língua, vista a partir do desejo humano, dos recursos que usamos para realizar esse desejo e da figura do outro como origem e destino desse mesmo desejo.

Cada um desses elementos ocupa um espaço determinado. O desejo está dentro do sujeito, visto simplesmente como uma faísca que dispara a ação. Os recursos são os meios que viabilizam e ampliam a ação, ocupando tipicamente um espaço físico localizado entre o sujeito e o outro, tipo livro, vídeo, atividade interativa etc. O outro, finalmente, é definido aqui como alguém que ocupa o espaço de um interlocutor, notando que na aprendizagem de uma língua, este interlocutor pode estar mais longe, às vezes apenas representado.

Divido esta breve reflexão em três momentos: no primeiro, falo do desejo de aprender a língua inglesa na adolescência e de como a aprendi; no segundo me atenho ao desejo de ensinar, de levar aos outros o fascínio de aprender a língua; e, finalmente, no terceiro momento, abordo o desejo de ensinar aos professores a ensinar a língua. O que apresento aqui é tudo muito

resumido, como experiência pessoal, sem pretensão de salvar o mundo; mas tentando pelo menos fazer a minha parte.

O uso da palavra “língua”, durante todo o texto, em vez de “linguagem”, é feito de propósito. Trato aqui da “língua inglesa” como parte de um todo maior, e não da “linguagem inglesa”, que, a meu ver, soaria muito estranho, na medida em que confundiria o todo com a parte.

Como aprendi inglês

Aprendi inglês, minha primeira língua estrangeira, num período de férias de minha adolescência, no final da década de 1950. Naquele tempo, as férias de verão duravam três meses completos, incluindo dezembro, janeiro e fevereiro. Levado pelo desejo de aprender inglês, resolvi estudar a língua por minha conta, usando um livro que já era antigo naquela época – “*you are*” era “*thou art*”, o léxico incluía termos como “*gas-lamp*”, e o futuro na primeira pessoa era expresso com “*shall*” (“*I shall be a diligent pupil*”), recuperando uma regra gramatical inventada pelos gramáticos do passado, como descobri mais tarde, ao ver também que tinha aprendido muita coisa sem futuro. O método era o da gramática e tradução, chamado de “Primeiro Methodo”, em português e escrito ainda com “*th*”.

Cada lição (como se chamavam as unidades) começava com uma lista de palavras, transcrição da pronúncia e tradução (ex., usando a grafia da época: “*Table, tê’bel, meza*”). Para estudar no livro, eu lia várias vezes as palavras, usando a transcrição fonética e decorando a tradução. Depois lia a regra gramatical, explicada em português, e fazia os exercícios de tradução e versão (que o livro chamava de “tema”). Quando conseguia fazer os exercícios com rapidez, não escrevendo, mas falando em voz alta, eu passava para a lição seguinte e repetia todo o processo.

No fim de três meses, eu sabia todo o livro de cor, qualquer palavra, qualquer frase, quer para traduzir, quer parar verter. Quando voltei para a escola, em março, eu tinha aprendido uma língua estrangeira.

Descobri depois, nas aulas de inglês, que aquilo que eu tinha aprendido, não era inglês. A pronúncia era diferente, a entonação era outra e mesmo parte do léxico teve que ser reaprendido (descobri, por exemplo, que não se dizia “*much obliged*” mas “*thank you*”). Eu tinha aprendido uma língua que não existia.

Devo ter sido o aluno de inglês mais chato que qualquer professor já teve, perguntando tudo, mas consegui aprender inglês pela segunda vez. A dificuldade maior era encontrar oportunidades para praticar a língua. Vasculhei a biblioteca da escola, mas a única coisa que encontrei em inglês foi uma coleção da revista *Newsweek* – que li com a ajuda de um dicionário, tão antigo que não encontrava a maior parte das palavras que procurava. Lembro ainda hoje que “*trend*” era uma das mais repetidas e embora, pela força das circunstâncias, eu tentasse usar todas as pistas do contexto para chegar ao significado, ele me fugia sempre.

A compreensão oral foi desenvolvida pelas ondas curtas da Voz da América, BBC, Rádio Moscou, uma estação da China e inúmeras outras emissoras, de várias orientações políticas, que eu escutava quase todas as noites, quando o velho radinho a válvula permitia. O problema na época eram os chiados, causados pelas condições atmosféricas, radiações solares ou mesmo interferências, introduzidas deliberadamente para abafar o que diziam os locutores. Era a década de 1950 e estávamos em plena guerra fria, o que no fundo me afetava muito pouco, talvez por ser alienado e não perceber a propaganda política nas entrelinhas, segundo meus pares imediatos, ou talvez, por ter aprendido a conviver com a diversidade. Ouvia um lado e outro, mas

era incapaz de tomar partido. Basicamente não via razão nem para odiar os americanos nem para temer os comunistas. Todos me pareciam humanos, preocupados em fazer o bem e falando a mesma língua que eu gostava de ouvir e queria aprender.

Com o tempo descobri a literatura, tanto americana como inglesa e russa, essa em tradução inglesa do russo – e, assim, lendo e ouvindo, me tornei um proficiente leitor e ouvinte do inglês, sem jamais ter frequentado qualquer curso de inglês além do que me ofereceu a escola. Considero-me um caso de sucesso de aprendizagem autônoma, um autodidata como se dizia na época, embora tenha dificuldade em atribuir a que devo esse sucesso. Certamente não foi a metodologia usada, que até me atrapalhou bastante, obrigando-me a aprender inglês duas vezes. Também não foi o meio social em que vivi na adolescência, onde se estudava inglês na escola, mas ninguém, além do professor, falava a língua. Seria não só muita falta de modéstia, mas também falso, atribuir esse sucesso a uma competência inata para línguas. Eu não tinha essa competência. Tanto é assim, que até hoje lembro que tinha a maior dificuldade nas aulas de português em localizar a sílaba tônica numa palavra, que, a propósito, só aprendi quando um sábio professor me fez repetir a frase “A sábia sabiá sabia”. Aí caiu a ficha.

Onde estaria o segredo? Que lição ficaria de minha experiência de aprendizagem do inglês? Mais e mais, acredito que é a lição do desejo: eu tinha um desejo imenso de aprender línguas e comecei pelo inglês. Depois vieram o francês e o espanhol, mas já com menos intensidade. Eu acreditava que sabendo línguas, eu agregaria um valor maior a minha pessoa, eu teria mais oportunidades na vida, eu seria mais interessante que meus colegas monolíngues. É a melhor e única explicação que encontro para explicar o que poderia ser uma história de sucesso na aprendizagem de línguas, o desejo de aprender.

Como aprendi a ensinar inglês

Iniciei minha aprendizagem para o ensino de inglês em um cursinho para professores oferecido por uma escola do Yázigi, em Porto Alegre, na década de 1960, tendo como instrutor o Professor Moacir Akuy, de saudosa lembrança. Na época, minha única formação acadêmica era a do ensino médio, sem curso de inglês, sem ter frequentado faculdade, sem ter viajado para o exterior, sem teoria e sem prática de ensino de línguas. Éramos um grupo de uns quinze pretendentes a professor, todos mais ou menos do mesmo nível de competência, ninguém com formação universitária completa, mas alguns já na universidade, embora apenas um do grupo frequentasse o curso de Letras. Alguns estavam voltando de um ano de intercâmbio nos EEUU pelo *American Field Service*, e pretendiam usar o conhecimento do inglês para exercer uma atividade temporária de professor enquanto completavam a faculdade em outras áreas; achei também curioso, na época, que os alunos de Letras do curso de inglês conheciam menos a língua do que os alunos de outros cursos.

Outro detalhe que me chamou a atenção foi o sentimento de solidariedade que dominava a turma. Sabíamos que apenas alguns seriam contratados, mas estávamos todos irmanados por um grande espírito de coleguismo: ninguém tentava se destacar diante dos outros, exibindo suas qualidades ou tentando rebaixar os colegas. Éramos totalmente solidários, ajudando-nos com sugestões nas aulas e demonstrações, que preparávamos para os colegas. Atribuo esse clima de entendimento e paz à serenidade do Professor Akuy na condução do curso. Diante de uma pessoa que tinha tanto a mostrar e que se mostrava tão modesta, acabamos vendo nele um modelo a ser imitado, e sentíamos que qualquer tentativa que não fosse de companheirismo e

de boa vontade com os colegas seria imediatamente rechaçada, não por ele, mas pelo grupo. O que seria apenas um cursinho de treinamento acabou sendo, para mim e, provavelmente, para outros colegas, um exemplo de como se ministra um curso de formação de professores. Não sei bem como colocar isso em termos mais claros, mas seria como se eu tivesse feito a descoberta de que valemos mais pelo que somos com os outros do que pelo que podemos ser individualmente. Ensinar é ser para o outro. Foi o que me ficou deste primeiro curso de formação e que levo para o resto da vida.

Quando terminou o curso, recebi minha primeira turma de inglês. Aos poucos parece que peguei jeito para a coisa e fui recebendo mais turmas, até ter a carga horária completa. A sorte estava lançada: eu ia ser professor de inglês.

Como eu não tinha curso universitário e estava com pressa, tomei o caminho mais curto para começar a minha profissionalização: 1) fiz os exames de proficiência da Universidade de Michigan e Cambridge – bastava um, mas fiz os dois; 2) depois fiz o curso de complementação pedagógica de um ano. Com os certificados de proficiência em inglês e a complementação, consegui registro de professor no MEC: estava legalmente habilitado para trabalhar no ensino básico. Depois de um tempo, saí do Yázigi e fui para a escola regular, com aulas no ensino particular e público, ministrando em torno de 50 horas por semana, um pouco mais, um pouco menos, com turmas que variavam de 30 a 55 alunos. Nesse período me casei, construímos a primeira casa, tivemos filhos, compramos carro e fiz a licenciatura plena na universidade. Para as aulas, usei a experiência do Yázigi e preparava meu próprio material didático, dando as aulas do jeito que eu gostava. Era diversão pura; com alguns problemas de vez em quando, desafios para garantir o nível adequado de adrenalina no sangue. Tinha tempo para tudo e fins de semana livres.

Não sei como conseguia. O segredo, acho eu, era porque eu não pensava; só fazia. Refletir leva tempo e deixei isso para depois.

Concluída a graduação, em dois anos e meio, parti para o mestrado na UFSC, que concluí em menos de dois anos. A defesa seria em dezembro, mas fui dissuadido pelo meu orientador para defender depois das férias, o que acabou ficando para abril do ano seguinte. Foram quatro meses de férias, com a dissertação pronta na gaveta. Eram tempos de calma, sem pressa nos programas de mestrado. Outro aspecto que considero relevante é que, numa época em que não se falava em internacionalização, as dissertações do programa eram escritas em inglês e metade dos professores era do exterior. Não quero dizer com isso que naquele tempo era melhor; não é um elogio saudosista, mas, muito pelo contrário, uma suspeita de que achávamos que não tínhamos professores qualificados ou, ainda pior, porque éramos mais colonizados, doutrinados para acreditar que o conhecimento estava em outros países e em outras línguas.

Eu já tinha descoberto que não basta saber, é também necessário que o conhecimento que possuímos seja certificado, seja pelos textos que publicamos, seja principalmente pelos diplomas que recebemos, com valor maior quando concedidos por um país do primeiro mundo. Assim, concluído o mestrado, fui para o doutorado nos Estados Unidos, na Universidade do Texas, em Austin. Mais uma vez, eu tinha pressa e consegui terminar o doutorado um ano antes do prazo, em 1984. Era um curso em Linguística Aplicada, realmente interdisciplinar, que me fez passar por vários departamentos da universidade, incluindo educação, literatura, linguística, informática, entre outros; tudo voltado exclusivamente para o ensino de línguas. Havia várias bibliotecas especializadas, já com computadores na época, e uma biblioteca central imensa, onde se encontrava tudo que se buscava, algo que eu nunca tinha visto. Apreciei

imensamente cada aula assistida, cada apresentação que preparei, cada trabalho que escrevi, incluindo a tese, mas, a curto prazo, o mais importante era conseguir logo o diploma, a certificação do que eu até certo ponto já sabia. Eu já tinha sido impedido de participar de alguns projetos por falta de titulação e queria ter isso resolvido quando voltasse ao Brasil.

A longo prazo, também não tenho pudor em dizer que tudo o que eu realmente precisava saber eu já tinha aprendido; não que eu soubesse tudo, longe disso, mas por ter descoberto o segredo de como se aprende, que é o de se deixar levar pelo prazer de aprender fazendo. As pessoas em geral aprendem, ou acham que aprendem, lendo primeiro e anotando depois. Eu prefiro anotar primeiro e ler depois. Quando tenho interesse ou necessidade de conhecer um assunto, escrevo um artigo sobre ele. Só depois leio sobre o assunto, tentando validar o que escrevi e descobrir até onde eu fui, confirmando ou contrariando o que outros disseram, com palavras semelhantes ou diferentes. Acabo levando mais tempo para adquirir o saber que me interessa, mas descubro o prazer de aprender, partindo de minha curiosidade.

Vejo a vida como um processo que vai da prática para a teoria, ficando às vezes só na prática; a universidade, ao contrário da vida, vai da teoria para a prática, ficando às vezes só na teoria. Meu caminho foi inversamente da prática para a teoria, da ação para a reflexão. O doutorado foi o começo da reflexão, que me serviu para redirecionar aspectos de minha prática. Ao contrário de alguns colegas, que se sentem ensinando a língua da maneira que foram ensinados, eu trago muito pouco do que aprendi para o que ensino. Já refleti sobre isso e cheguei à conclusão de que nunca fui ensinado, eu apenas aprendi, e o fiz por minha conta e risco. O que trago de minha experiência pessoal é a importância do desejo na aprendizagem. Acredito que todos temos a curiosidade inata e o desejo humano de aprender.

Não posso desejar pelo aluno, mas posso cuidar para que não se destrua nele o desejo, como às vezes acontece na sala de aula. Acredito que o caminho para isso é que o professor acredite e tenha prazer no que faz.

Ensinar a ensinar línguas

A consequência maior do meu doutoramento foi o afastamento físico do aluno do ensino fundamental, que ficou mais distante, mediado pelos professores, de quem fui me aproximando nos inúmeros cursos de formação em que me envolvi. Tentar ensinar os professores a ensinar seus alunos exigia mais reflexão e passou a tomar mais do meu tempo.

O segredo do sucesso no ensino está em saber explorar o espaço que existe entre mim e o outro. É neste espaço intermediário que estão as coisas do mundo e os recursos que propiciam a aprendizagem. Os recursos são instrumentos que ampliam nossa ação e servem tanto para fazer o bem como praticar o mal; com o martelo podemos construir um brinquedo para a criança ou destruir o brinquedo. Isso vale para qualquer instrumento. O livro não vai necessariamente contribuir para formar um cidadão de bem, como o celular nas mãos de um adolescente não vai necessariamente produzir um sociopata. As ferramentas não são intrinsecamente boas ou más; elas são intrinsecamente mais e menos potencializadoras, podendo levar as pessoas a fazer mais, saber mais e a ser mais do que são capazes, seja para o bem, seja para o mal. Formar um professor é trabalhar esse espaço que está entre ele e o aluno, incluindo aí objetos físicos, práticas sociais, aspectos culturais, linguagens, etc.; tentando, obviamente, levar os professores a fazer algo que possa transformar os alunos em cidadãos críticos, comprometidos com os valores da cidadania e capazes de apreciar a diversidade do

mundo contemporâneo, que se amplia com o conhecimento de outra língua e cultura.

Por ter seguido, na vida pessoal e acadêmica, um caminho que vai da prática para a teoria, meu objetivo sempre foi o de usar a teoria para entender a prática, e não o inverso, como normalmente acontece: usar a prática para explicar a teoria. A ideia foi servir-me da teoria para me dar segurança e ajudar onde eu tinha dúvida, ajustando detalhes da prática quando necessário, e não servir a teoria, trazendo argumentos ou provas para justificá-la e defendê-la. Ou ela servia ou não servia. Ponto final. Nessa perspectiva, engajei-me com a Teoria da Atividade, com base em Vygotsky, mas também estendendo olhares para a Teoria do Pensamento Complexo e a Teoria do Caos, vendo as três como teorias tronco, extremamente robustas e até servindo de base para outras teorias. Pessoas e coisas estão todas conectadas e interagem entre si, modificando-se neste processo, desde os sistemas solares do universo até as partículas invisíveis do átomo, no mundo físico, ou desde povos e multidões até indivíduos no mundo social, humano e afetivo – todos movidos por forças de atração e rejeição, que nos unem e nos separam uns dos outros. O todo e a parte contêm-se em várias escalas de tamanho.

A primeira condição para saber ensinar uma língua é dar-se conta de que ela não é apenas um meio de comunicação entre uma pessoa e outra, como se as pessoas já existissem antes da língua. Na verdade, é a língua, em suas inúmeras manifestações, que constitui as pessoas e projeta dentro delas o mundo, da maneira como ele é organizado, com suas leis, indústrias de transformação, profissões, normas de comportamento, relações de poder etc. Há muito já sabemos que não vemos o mundo como ele é, mas como nós somos, pela mediação da língua, como processo construtor de sentidos.

Considerações finais

Qualquer aprendizagem de uma língua envolve sempre uma metodologia, quer explícita (método da tradução, abordagem comunicativa etc.) ou implícita (um exemplo, a meu ver, é o pós-método de Kumaradivelu). Eu aprendi pelo método da tradução, também conhecido como método indireto, o que não me trouxe qualquer contribuição para a maneira como passei a ensinar inglês, usando inicialmente uma versão atualizada do método direto, proposto pelo Yázigi na década de 1960.

O que mais contribuiu para minha aprendizagem foi o desejo de aprender a língua. Vejo o desejo como uma faísca que pode provocar uma explosão de conhecimento no aluno. Sei que parece exagero, que não basta a faísca, que é preciso também energia – mas energia é o que não falta no aluno. Está cheio de combustível; é só largar a faísca.

O aluno normal, sadio, cheio de energia tem tudo que precisa para aprender outra língua, incluindo os meios, como, por exemplo, e principalmente o celular, um verdadeiro isqueiro, produtor de faíscas. Nada tenho contra os professores, mas o que nos falta, às vezes, é a consciência da nossa importância por tudo que significa ensinar uma língua, não só para a realização do aluno como sujeito e cidadão, mas também para o fortalecimento das culturas de paz, cada vez mais necessárias, no Brasil e no mundo.